



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ANA CLÁUDIA DA COSTA MARTINS

**HIPERNACIONALISMO NOS EUA: UMA BREVE DISCUSSÃO A PARTIR DA
VISÃO DE JOHN J. MEARSHEIMER**

**JOÃO PESSOA
2018**

ANA CLÁUDIA DA COSTA MARTINS

**HIPERNACIONALISMO NOS EUA: UMA BREVE DISCUSSÃO A PARTIR DA
VISÃO DE JOHN J. MEARSHEIMER.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação de Relações Internacionais da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla
Kuhlmann

JOÃO PESSOA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M386h Martins, Ana Cláudia da Costa.

Hipernacionalismo nos EUA [manuscrito] : uma breve discussão a partir da visão de John J. Mearsheimer / Ana Cláudia da Costa Martins. - 2018.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Hipernacionalismo. 2. Estados Unidos. 3. Alt-right. 4.
Governo Trump.

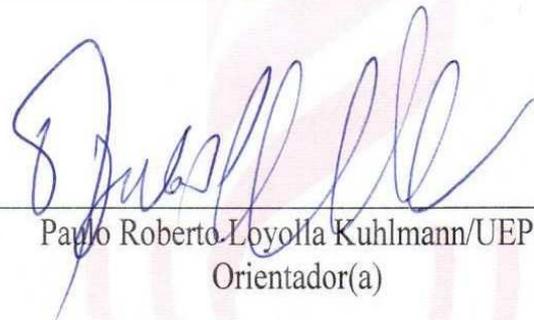
21. ed. CDD 320.54

ANA CLÁUDIA DA COSTA MARTINS

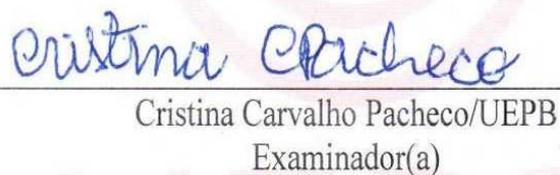
HIPERNACIONALISMO NOS EUA: UMA BREVE DISCUSSÃO A PARTIR DA VISÃO DE
JOHN J. MEARSHEIMER

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

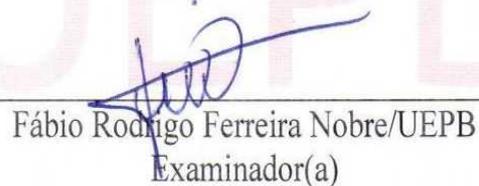
Aprovado(a) em 21, 06, 2018.



Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann/UEPB
Orientador(a)



Cristina Carvalho Pacheco/UEPB
Examinador(a)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre/UEPB
Examinador(a)

Aos meus pais, por seus sacrifícios ao longo da vida em busca de proporcionar uma boa educação aos filhos, a compreensão, amor e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus, o meu maior mestre, por minha vida, família e amigos.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e paciência para comigo. Saiba que o senhor foi uma das inspirações que me manteve firme nesse curso, sua maneira de ver o mundo e humanidade me proporciona grande orgulho por ter sido sua orientanda.

Aos professores integrantes da minha banca, Prof. Dr. Fábio Nobre e Prof. Dra. Cristina Pacheco, por aceitarem o convite para compô-la. É um prazer tê-los presentes nessa etapa.

Aos professores do Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da UEPB, que contribuíram ao longo desses anos, por todo o aprendizado compartilhado para o meu desenvolvimento como acadêmico e ser humano. Em especial, ao professor Júlio César Cabrera Medina, que infelizmente já não está mais presente fisicamente, mas as lembranças e carinho ficam.

À Sandra, Niedja e aos demais funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

À minha família, por terem me proporcionado a oportunidade de estudar e diante de tantos sacrifícios me permitirem sonhar ao abrirem as portas para o mundo. Muito obrigada pelo apoio, compreensão e amor que a mim dedicaram. Sem vocês, não sou nada.

Às minhas “companheiras” Lívia Braga, Aline Mota, Magna Celi, Camila Mariane, Christianny Kelly, Suzete e Luíza pelos momentos de amizade e apoio nos momentos difíceis.

Aos amigos Késsio Lemos, Matheus Montenegro, Andressa Carrilho, Ana Cristina Fonseca, Paulo César, Mayane Melo que me acompanharam desde o começo dessa jornada.

Aos meus irmãos de coração Aysla Souza, Márcio Siqueira e Kessy Simonaci pela compreensão, apoio e confiança que depositam em mim.

E, por último, mas não menos importante, à minha família Eduardo Machado Team, que sempre me ajudam a manter o equilíbrio mental e a confiar que sempre posso mais.

”O velho mundo está morrendo e o novo, lutando para nascer. E é nessa penumbra que surgem os monstros”. - Antônio Gramsci.

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	7
OS EXTREMOS DO NACIONALISMO	8
Hipernacionalismo aos olhos de John J. Mearsheimer	8
Casos marcantes do nacionalismo extremo	10
<i>Fascismo</i>	10
<i>Nazismo</i>	11
“MAKE AMERICA GREAT AGAIN”	12
O presidente Trump	12
Políticas hipernacionalistas	15
Alt-right	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	18

HIPERNACIONALISMO NOS EUA: UMA BREVE DISCUSSÃO A PARTIR DA VISÃO DE JOHN J. MEARSHEIMER

Ana Cláudia Da Costa Martins¹

RESUMO

Ao discorrer sobre o hipernacionalismo, procuramos esclarecer o seu significado segundo o autor John J. Mearsheimer, abordando os casos do fascismo e nazismo e apontando o perigoso nacionalismo extremado presente em ambos. Esta tarefa é realizada com o objetivo de facilitar a identificação do hipernacionalismo e, diante do atual governo dos Estados Unidos, com o polêmico presidente Donald Trump, analisar se o nacionalismo virulento se faz presente em suas políticas internas e externas e em seus apoiadores denominados "alt-rights".

Palavras-Chave: Hipernacionalismo. Estados Unidos. Trump. Alt-right.

INTRODUÇÃO

Para melhor compreensão do hipernacionalismo, partir do que o nacionalismo significa parece ser o melhor caminho. Assim, José Carlos Reis (2006) apresenta o nacionalismo como uma realidade profunda que “envolve as mais viscerais paixões de um indivíduo”. Uma fraternidade construída, em que milhões de pessoas se encontraram dispostas a matar e a morrer por “criações imaginárias limitadas” (ANDERSON, 2008). Hobsbawn (2008) acrescenta, qualificando-o como instrumento de grande poder para o governo, transformando-o assim, em componente emocional central, se integrado no patriotismo estatal.

No nacionalismo pode existir, além do orgulho por sua nação, o sentimento de qualificar a nação a que se pertence como a melhor entre as demais nações (MEARSHEIMER, 2011) e, conseqüentemente, com mais direitos (GUIMARÃES, 2008). O autor, Samuel Pinheiro Guimarães (2008) define ainda que:

Nacionalismo é, também, o desejo de afirmação e de independência política diante de um Estado estrangeiro opressor ou, quando o Estado já se tornou independente, o desejo de assegurar em seu território um tratamento pelo Estado melhor, ou pelo menos igual, ao tratamento concedido ao estrangeiro, seja ele pessoa física seja jurídica. Os movimentos nacionalistas significativos do ponto de vista político, cujas manifestações históricas mais simples decorrem de identidade étnica, linguística ou de pertencimento, no passado, a uma organização política, têm como seu principal objetivo o estabelecimento de um Estado ou a modificação das políticas do Estado

¹ Aluna de Graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.
E-mail: ana.ccdmartins@gmail.com

para defender ou privilegiar interesses dos que integram certo movimento (GUIMARÃES, 2008, p. 145).

Existem, também, as manifestações extremadas desse sentimento, como a xenofobia, o racismo, a arrogância imperial, entre outros (GUIMARÃES, 2008). Entre essas manifestações, abordaremos aqui o nacionalismo virulento, chamado hipernacionalismo. Por falta de uma definição adequada, seguiremos com a visão realista do autor John J. Mearsheimer sobre o termo.

Diante disso, o artigo tentará explicar, em primeiro lugar, o que é o hipernacionalismo na visão de Mearsheimer; em segundo lugar, buscar analisar como esse extremo do nacionalismo se faz presente nos EUA; e por último, identificar o que despertou o aparecimento desse fenômeno no país estadunidense.

A hipótese é de que o hipernacionalismo, que ascendeu no passado nos países europeus, e o qual Mearsheimer alertava, ressurgiu atualmente nos Estados Unidos, e se tornou mais forte com a eleição do presidente Donald Trump, que guia uma política de exclusão dos "outros", colocando-os como uma ameaça. (DIMITROVA, 2017)

Para melhor compreensão, este trabalho será dividido nas seguintes partes: a primeira irá trazer o conceito de hipernacionalismo que guiará nosso trabalho, abordando um pouco de sua origem e como se fez presente em alguns casos conhecidos na história. A segunda parte se concentrará no nacionalismo exacerbado presente nos EUA, identificando o perfil do presidente Donald Trump, explicando quais as políticas internas e externas possuem características hipernacionalistas e por fim, discorrer sobre uma parte da população, chamada *alt-right*, que apoia o presidente.

HIPERNACIONALISMO

Hipernacionalismo aos olhos de John J. Mearsheimer

Mearsheimer corrobora com a ideia de nacionalismo como "amor pelo seu país" e afirma que esse nacionalismo inofensivo pode se transformar no perigoso hipernacionalismo, "a crença de que outras nações ou estado-nação são inferiores e ameaçadores". Nestes casos, o sentimento é de desprezo e aversão pelo outro (MEARSHEIMER, 2011). Portanto, esse nacionalismo extremado, ainda que não seja uma força líder na política mundial, pode ser a maior ameaça doméstica à paz (MEARSHEIMER, 1990a).

Assim, surgiu o hipernacionalismo entre os Estados Europeus, quando eram estados-nação compostos por pessoas, em sua maioria, do mesmo grupo étnico e viviam sob constante ameaça dos outros estados. Mearsheimer aponta que o problema se agrava nesse sistema

quando as elites domésticas demonizam uma nação rival para obter apoio à política de segurança nacional (MEARSHEIMER, 1990b).

Os sistemas militares, com a base do poder militar nos exércitos de massa, são colocados como os solos mais férteis para esse tipo de nacionalismo se desenvolver, pois, necessitam que o Estado mobilize os seus cidadãos, estimulando os seus sentimentos nacionalistas. Com isso, Mearsheimer (1990b) afirma que para conter o hipernacionalismo os Estados devem confiar em pequenos exércitos profissionais ou organizações militares complexas e de alta tecnologia, que operam sem grande poder humano. As armas nucleares são um bom exemplo de contenção, por transferirem o poder militar das mãos humanas (MEARSHEIMER, 1990b)

Depois de 1945, houve o declínio do hipernacionalismo na Europa, causado pelas forças de ocupação do pós-guerra e pela revolução nuclear. Então, por não proverem mais a sua própria segurança, os estados europeus não nutriam incentivo suficiente para estimular o nacionalismo de sua população, necessário para reforçar o apoio público a defesa nacional (MEARSHEIMER, 1990b).

Entretanto, a estabilidade da ordem pós-guerra foi decisiva para o declínio. Com a bipolaridade entre a União Soviética e os EUA, estados em que o nacionalismo virulento não se desenvolveu na época, a probabilidade de guerra diminuiu (MEARSHEIMER, 1990b). E a sobrevivência é a preocupação crucial das nações, quer elas tenham seu próprio estado ou não:

Portanto, as nações possuem boas razões para se preocuparem com sua sobrevivência em um mundo onde os estados-nação às vezes se ameaçam e onde o hipernacionalismo é comum. No entanto, eles também se preocupam com a sobrevivência quando eles não têm seu próprio Estado-nação, porque sempre existe a possibilidade de que uma nação mais poderosa em seu próprio país possa atacá-los e, possivelmente, tente aniquilá-los. Mas mesmo que isso não aconteça, existe o perigo real de que a nação dominante eviscerará sua cultura, incorporando-a em sua própria cultura (MEARSHEIMER, 1990b, p. 42).

De acordo com Stephen Van Evera (1994), as nações criam histórias heroicas sobre si mesmas, é a chamada *Mythmaking*, prática que aparece em três tipos principais: *self-glorifying*, *self-whitewashing* e *other-maligning*. Explicando-os, Evera (1994) detalha que,

Os mitos *Self-glorifying* incorporam reivindicações de virtude e competência especiais, e falsas alegações de beneficência no passado para com os outros. Mitos *Self-whitewashing* incorporam a falsa negação do mal feito no passado contra os outros. Ambos os tipos de mitos podem levar uma nação a reivindicar o direito de governar os outros ("somos especialmente virtuosos, então, nossa expansão beneficia aqueles que conquistamos"). Eles também levam uma nação a ver as queixas dos outros contra eles como expressões de malícia ingrata: ("nunca os prejudicamos; eles nos difamam alegando o contrário"). [...] O mito *Self-glorifying*, contém alegações de superioridade cultural, pode também alimentar a falsa fé na

capacidade de derrotar e subjugar os outros, causando guerras expansionistas por um erro de cálculo otimista.

O mito *Other-maligning* pode incorporar alegações de inferioridade cultural de outros, falsa culpa dos outros por crimes e tragédias do passado, e falsas alegações de que esses outros agora abrigam más intenções contra a nação (EVERA, 1994, p. 27-29. Tradução nossa).²

Ou seja, mitos chauvinistas, utilizados por quase todos os nacionalistas e difundidos principalmente pelas escolas ou por elites políticas.

Casos marcantes do nacionalismo extremo

Fascismo

Um dos fenômenos mais debatidos pela historiografia contemporânea, o fascismo conseguiu produzir diversas manifestações ao longo do tempo, adquirindo, assim, uma gama de interpretações e abordagens do regime. Contudo, a palavra fascismo refere-se ao modelo político e social desenvolvido por Benito Mussolini, na primeira metade do século XX, na Itália (PEREIRA, 2017).

Desta maneira, construiu-se uma relação dicotômica, apresentada pelo autor como “Fascismo, o qual corresponde ao fenômeno italiano e Fascismos, o qual corresponderia às manifestações de características do primeiro, porém com as suas respectivas peculiaridades em outros países” (PEREIRA, 2017, pg. 3). Levando esse ponto em consideração, Juan Linz (1976), define:

Nós definimos fascismo como movimento hipernacionalista, em geral pan-nacionalista, anti-parlamentarista, anti-liberal, anti-comunista, populista e, por isso, antiproletário, parcialmente anti-capitalista e antiburguês, anti-clerical ou ao menos, não clerical, com o objetivo de alcançar a integração social nacional, por intermédio de um partido único e da representação corporativa, elementos nem sempre enfatizados de forma igual; com um estilo distinto e retórica, baseava-se em quadros ativistas para ação violenta, combinada com a participação eleitoral para ganhar poder com fins totalitários, por meio de uma combinação de táticas legais e violentas (LINZ, 1976, p. 12-13. Tradução nossa).³

² “Self-glorifying myths incorporate claims of special virtue and competence, and false claims of past beneficence toward others. Self-whitewashing myths incorporate false denial of past wrongdoing against others. Both types of myths can lead a nation to claim a right to rule others (“we are especially virtuous, so our expansion benefits those we conquer”). They also lead a nation to view others’ complaints against them as expressions of ungrateful malice: (“we have never harmed them; they slander us by claiming otherwise”). [...] Self-glorifying myth, if it contains claims of cultural superiority, can also feed false faith in one’s capacity to defeat and subdue others, causing expansionist wars of optimistic miscalculation. Other-maligning myth can incorporate claims of others’ cultural inferiority, false blame of others for past crimes and tragedies, and false claims that others now harbor malign intentions against the nation” (EVERA, 1994, p. 27-29.).

³ “We define fascism as a hypernationalist, often pan-nationalist, anti-parliamentary, anti-liberal, anti-communist, populist and therefore anti-proletarian, partly anti-capitalist and anti-bourgeois, anti-clerical, or at least, non-clerical movement, with the aim of national social integration through a single party and corporative representation not always equally emphasised; with a distinctive style and rhetoric, it relied on activist cadres

O fascismo de Mussolini, em 1922, possuía como prioridade chave a consolidação do seu poder na Itália. Sua política externa, dominada pelas preocupações de ordem nacionalista, tinha os seus interesses ideológicos subordinados aos interesses estratégicos da época. Convencidos pela grande crise do capitalismo a partir de 1929 de que o regime era realmente a solução universal, aumentaram os contatos esporádicos com os outros fascismos e a difusão da ideologia fascista nas coletividades italianas do exterior (BERTONHA, 2005).

Conseqüentemente, as questões internas do regime se fizeram presentes (LEDEEN, 1971) e diversos autores ressaltaram a necessidade de uma nova geração educada nos ideais do regime, na tentativa de resgatar os valores fascistas dentro do próprio país (BERTONHA, 2005).

Michaelis (1973), aponta que a ascensão do nazismo na Alemanha reforçou a ideia de Mussolini de que o fascismo era o futuro, e se espalharia dominando o mundo. Inclusive a competição com a Alemanha nazista para liderar o universo fascista, pareceu ser fundamental para conquistar esse domínio (MICHAELIS, 1973), ainda que geopoliticamente seja considerada uma rival (BERTONHA, 2005).

Nazismo

Neste movimento, a figura de Adolf Hitler surge sob a ideologia do partido nazista, que prometia resgatar as glórias germânicas e combater os inimigos da nação. A população cega pelo nacionalismo acatou as verdades do Partido Nacional Socialista, ajudando a arrastar os judeus para os campos de extermínio, configurando o holocausto, que horroriza a humanidade até os dias atuais (KERSHAW, 2010).

O país acarretava a insatisfação do povo alemão, que passava pela crise moral e econômica na década de 1920 e que, conseqüentemente, a propaganda nazista se beneficiou, utilizando slogans que incentivassem o resgate das vitórias germânicas conquistadas pelos seus antepassados (ANDRIGHETTO; ADAMATTI, 2016). Em meio a essa busca, utilizavam a palavra Reich, pois como afirma Evans (2010):

A palavra Reich evocava entre alemães cultos uma imagem que ressoava muito além das estruturas institucionais criadas por Bismarck: o sucessor do Império Romano; a visão do Império de Deus aqui na terra; a universalidade de sua reivindicação de suserania; em um sentido mais prosaico, mas não menos poderoso, o conceito de um Estado germânico que incluiria todos de língua alemã na Europa central - "um Povo, um Reich, um Líder", como viria a propor o slogan nazista (EVANS, 2010, p.44).

Esse nacionalismo exacerbado acarretou a obsessão pela higiene racial. Diante disso, ao atribuírem a derrota na Primeira Guerra Mundial à raça, os alemães (ANDRIGHETTO; ADAMATTI, 2016), propunham como solução para o “problema” a purificação da raça (KITCHEN, 2009, p.116-117), através da política de eugenia⁴ (ANDRIGHETTO; ADAMATTI, 2016).

No ano de 1935, as Leis de Nuremberg⁵, mostraram a ausência de influência judaica no Estado alemão com a primeira lei, que excluía os direitos políticos dos judeus e os colocava na situação de estrangeiros, párias da sociedade (ARENDRT, 1989). Causando efeitos diretos nos governos regionais e municipais, essas leis os incentivavam a adotarem outras posturas discriminatórias, como a proibição de judeus frequentarem locais públicos. A população, a cada dia, observava os judeus como um problema da nação e, de toda forma, também os excluía, mesmo com posturas que não estavam previstas em lei, como cartazes fixados em pequenos estabelecimentos com a proibição da entrada de judeus e animais (ANDRIGHETTO; ADAMATTI, 2016).

Além disso, Hannah Arendt (1989) explica que utilizavam os meios de propaganda chauvinista para persuadir a opinião pública da necessidade de uma estrutura supranacional que não houvesse distinções nacionais e comandasse através de um “monopólio universal da força e dos instrumentos de violência”.

Desta maneira, para justificar a necessidade do extermínio dos judeus, os nazistas utilizaram e difundiram como verdadeira a ideia da existência de uma conspiração judaica para o domínio do mundo exposta nos “Protocolos dos Sábios de Sião”, que, de acordo com Couto (2008), não passava de uma fraude. Essa obra na verdade, seria uma cópia de um romance intitulado “Biarritz”, e sua história “gira ao redor da existência de uma cabala secreta judaica e suas conspirações para conquistar o mundo” (COUTO, 2008, p. 20).

“MAKE AMERICA GREAT AGAIN”

O presidente Trump

⁴ “Por trás dessa ideologia estava sir Francis J. Galton, que era parente de Darwin, cujo nome é associado ao surgimento da genética humana e da eugenia. [...] eugenia (bem nascer), que nada mais é do que a ciência que estuda as possibilidades de apurar a espécie humana sob o ângulo genético. [...] As propostas de Galton ficaram conhecidas como “eugenia positiva”. Nos EUA, porém, elas foram modificadas, na direção da chamada “eugenia negativa”, de eliminação das futuras gerações de “geneticamente incapazes” – enfermos, racialmente indesejados e economicamente empobrecidos –, por meio de proibição marital, esterilização compulsória, eutanásia passiva e, em última análise, extermínio.” (GONÇALVES, 2006, p. 2)

⁵ “As leis emitidas em 15 de setembro de 1935, aprovadas pessoalmente por Hitler, privavam os judeus de cidadania, proibiam as casas judias de ter criadas alemãs, proibiam qualquer alemão de casar-se com um judeu e proscovia as relações sexuais entre judeus e alemãs. Estas leis impuseram uma nova moral aos alemãs.” (RIGG, 2003, p. 119-120)

Desde a crise financeira de 2008, o medo cada vez maior diante da vulnerabilidade econômica e a sensação de que a própria identidade cultural estava ameaçada deram lugar a movimentos populistas e nacionalistas, particularmente nos países mais desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos, nos quais a globalização e os regimes de imigração liberais estão cada vez mais avançados (MALAMUD, 2017).

Como resultado, Donald Trump se aproveitou deste crescente temor econômico e agitação cultural. Sua retórica era extremista em várias ocasiões e, por vezes, contraditória, mas conseguiu alcançar uma vitória histórica (MALAMUD, 2017).

Eleito pelo Partido Republicano em 2016, o atual presidente é o primeiro na história dos EUA a chegar à Casa Branca sem qualquer experiência política ou serviço militar anterior; o mesmo deixou claro desde o início da sua campanha que suas visões políticas não se alinham obrigatoriamente às vertentes ideológicas majoritárias entre republicanos (THUDIUM; ALVES, 2017).

No entanto, conquistou muitos estadunidenses, estes acreditam que Trump tem coragem, ousa dizer o que muitas pessoas pensam, mas não se arriscam a dizer em voz alta. O sucesso da comunicação política de Trump também está relacionado com a grande simplicidade linguística e substantiva de suas ideias, muitas vezes extremas, de acordo com sua insistência de que ele se dirige aos americanos comuns em vez das elites (DIMITROVA, 2017). Mais especificamente, o autor David Tabachnick (2016) descreve o Trumpismo como um tipo de populismo americano composto de um conjunto de patriotismo aberto, nacionalismo econômico, compromisso vago com a classe média e uma política externa agressiva, embora indefinida.

No seu primeiro discurso, Trump atacou abertamente o governo anterior, nele alegou que estará devolvendo o poder ao povo americano, paralelamente, abraça o protecionismo nacionalista, e afirma que irá seguir duas regras: a de comprar de americanos e a de contratar americanos. Carregados de mensagens xenófobas que visam representar os “outros” como uma ameaça aos empregos dos trabalhadores americanos (DIMITROVA, 2017), provocando assim “sentimentos de ressentimento e desdém misturados com fragmentos de medo, ódio e raiva” (KAGAN, 2016).

Ainda baseada na política de exclusão, Robert Kagan detecta o surgimento do *trumpismo*, termo designado a quem segue a política de atacar ou ridicularizar “os outros”, ou mais especificamente aos muçulmanos, hispânicos, mulheres, chineses, mexicanos, europeus, árabes, imigrantes e refugiados. O autor Kagan (2016) continua, ao sustentar que tal abordagem xenofóbica nacionalista pode ser muito perigosa porque cria a “mobocracia”, ou

seja, o desencadeamento de paixões populares contra os “outros” que podem expor a democracia ao perigo.

O líder americano traz consigo um nacionalismo emocional e nostálgico. Seu slogan de campanha era, afinal de contas, “*Make America Great Again*” e descreveu a sua política externa com o slogan “*America First*”. Lembrando alguns nacionalistas conservadores antes da Guerra Fria, e que apelou aos Estados Unidos para evitar se envolver na confusão de problemas da Europa e Ásia Oriental, e voltar a se concentrar na maximização do interesse nacional (THOMPSON, 2017).

McNeill (2016), atribui a conquista daqueles que viviam com medo no país, ao uso constante de Trump, em sua campanha, de lemas patrióticos, slogans, símbolos, entre outros. Entretanto, Navi (2017) alerta que não quer dizer que qualquer um que acredita fortemente que deve apoiar o seu país seja fascista, mas que os partidários de Trump são extremistas, que utilizam o país como plataforma para justificar todo o ódio, fanatismo, racismo e sexismo que ali existe.

Com isso, Navi (2017) compara o comportamento dos apoiadores de Trump com o comportamento visto durante os regimes fascistas. John McNeill (2016), então, trouxe 11 características do fascismo. As oito primeiras são de caráter ideológico, e o hipernacionalismo aparece em primeiro lugar, e lembra que o fenômeno não se limita apenas ao fascismo, mas é fundamental para o regime. Ainda são citadas o militarismo, a glorificação da violência e prontidão para usa-la na política, fetichização da juventude, fetichização da masculinidade, culto ao líder, síndrome da era de ouro perdida e auto definição por oposição. As três características restantes, se referem ao fascismo como movimento político, mobilização de massa e partido de massa, estrutura partidária hierárquica e tendência a expurgar os desleais, e por último, a teatralidade.

Analisando Donald Trump com a característica do hipernacionalismo, o autor afirma que nos parâmetros da política americana, o mesmo se enquadra como hipernacionalista, mas nos parâmetros do fascismo histórico, o seu nível de hipernacionalismo ainda é baixo. E ressalta que o presidente deixa a desejar nos pontos em que a violência é necessária, sendo assim, definido por McNeill (2016) como semi-fascista.

Além disso, logo nos primeiros três dias após a eleição, o Southern Poverty Law Center (2016) documentou mais de 200 incidentes de intimidação odiosa e perseguição ligada à vitória de Donald Trump. Possivelmente, resultado de políticas como a ideia de se criar um registro nacional para os mulçumanos que já se encontram no país e proibir temporariamente a entrada dos mesmos no território estadunidense, (PHILLIP; HAUSLOHNER, 2016), bem

como os esforços de sua equipe de transição ao revisar projetos que visava às mudanças climáticas e igualdades de gênero (LANDLER, 2016).

Políticas Hipernacionalistas

A política externa e de segurança dos EUA era, nos últimos vinte e cinco anos, fundamentada na hegemonia liberal e na promoção da democracia, “derrubando regimes e reconstruindo nações”. Trump, nessa lógica, desafia os próprios pilares da poderosa comunidade de política externa norte-americana, prometendo desenvolver novas diretrizes, trabalhando para manter o equilíbrio de poder em três regiões que seriam vitais para a segurança nacional - Ásia Oriental, Europa e Golfo Pérsico -, ao evitar o surgimento de hegemônias regionais nestes locais (MEARSHEIMER, 2016).

Cristina Pecequilo (2016), diz que Trump externaliza os problemas do país, culpando os “outros” como a fonte do problema. Inclusive, os slogans que foram utilizados por ele sugerem uma abordagem nacionalista, e acabam por promover os interesses da nação que se encontram ameaçados, ao mesmo tempo em que restringe as práticas intervencionistas. (KASPI, 2016).

Ao contrário do populismo europeu, baseada nas percepções xenófobas e do protecionismo da identidade cultural, o que se manifestou nos Estados Unidos incorpora outras variáveis de caráter econômico-social (ZARZALEJOS, 2017).

As críticas que partem de políticos e jornalistas se concentram demasiadamente na personalidade de Donald Trump, e desacreditam em qualquer profundidade e consistência do seu discurso, principalmente quando se trata de política externa. Nesse âmbito externo, há a retomada de uma estratégia para conter o islamismo radical, uma das perspectivas securitárias levantadas. Além disso, Trump já sinalizou que irá reequipar as forças armadas norte-americanas, inclusive aumentando suas capacidades nucleares (THUDIUM; ALVES, 2017).

No âmbito doméstico, será importante atentar para as políticas migratórias que Trump se coloca a implementar, que prometem gerar fortes impactos sobre a grande parcela de imigrantes que vivem nos EUA e às relações bilaterais com o México (THUDIUM; ALVES, 2017). País de fundamental importância para os Estados Unidos por questões de segurança nacional, o México é um aliado essencial contra ameaças externas. E Zarzalejos (2016) identifica três pontos a favor do México: a sua geografia, sua democracia multipartidária e seu sentimento nacional.

Mas, ainda assim, o presidente americano planeja construir uma muralha na fronteira com o México, e sinalizou que irá proibir, por tempo indeterminado, a entrada de muçulmanos no país (THUDIUM; ALVES, 2017)

Alt-Right

O "alt-right", que muitas vezes se define como uma alternativa "radical" à política conservadora do momento, se articulou a um presidente que, por vezes, se posiciona de maneira distinta a da política tradicional do seu partido (HARTZELL, 2018). Os adeptos do Alt-Right se assemelham aos fascistas da década de 1920 e 30; esse grupo é composto por pessoas de classe média precariamente empregada e desempregada. Os puristas ideológicos, que recorrem as ideias e a literatura nacionalista e tradicionalista do fascismo, são os que possuem mais voz dentro do movimento do Alt-Right (JONES, 2017).

Houve um ganho mútuo entre as duas partes: Trump promoveu alguns dos princípios fundamentais da ideologia alt-right e trouxe para o seu círculo ideólogos do movimento, como Steven Bannon, o ex-editor do Breitbart, um site de notícias de extrema-direita, considerado a plataforma do "alt-right". E o "alt-right" participou de sua campanha, demonstrando o seu apoio na eleição à presidência. Essa "colaboração" trouxe uma certa legitimidade ao movimento e propagou seu alcance para um público mais amplo (HARTZELL, 2017).

Ao analisar o movimento, Hartzell (2018) identifica que, ao invés de promover a liberdade, o "alt-right" defende a existente ordem racial, em que os brancos ocupariam uma posição central dominante, lhes dando os mais diversos privilégios às custas das pessoas de cor. Conseqüentemente, a era iniciada pela campanha presidencial e a eleição de Donald Trump se caracterizam pelo ressurgimento da supremacia branca, aumentando significativamente os números de "incidentes racistas" e "crimes de ódio" (HARTZELL, 2018).

Seus ideais racistas lhe renderam o apoio dos supremacistas brancos autodeclarados. Por exemplo, o ex-líder da Ku Klux Klan, David Duke, nomeou a noite da eleição do Donald Trump como uma das noites mais emocionantes de sua vida, e confessou que "o seu pessoal" teve grande peso no resultado da eleição. Entretanto, mesmo hesitando e sob muita pressão, Trump repudiou seus apoiadores brancos supremacistas (HARTZELL, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, após expor a definição trazida por John J. Mearsheimer sobre nacionalismo extremado, buscamos analisar de que maneiras o hipernacionalismo se fez

presente nos Estados Unidos. Constatando que a era Trump possuía vários traços desse extremo, o dividimos em três setores de análise: no primeiro, o presidente Donald Trump aparece como um hipernacionalista para a política estadunidense, que por vezes mostra o seu lado racista e xenofóbico. Na segunda parte, as políticas externas e domésticas aparecem sem se destoar do contexto nacionalista. No âmbito externo, Trump deixa claro que quer restringir as medidas intervencionistas e colocar os EUA em primeiro lugar, se concentrando na segurança nacional.

Enquanto no âmbito doméstico, o principal ponto é sobre os imigrantes, que acabam sofrendo com as novas políticas direcionadas para os mesmos. O terceiro setor, se trata dos apoiadores do governo Trump, os Alt-right. Estes são compostos por extremistas da direita alternativa, que se identificam com o discurso trazido pelo líder norte-americano e que se sentem, finalmente, representados. Identificando assim, que o hipernacionalismo já existia nos EUA com a ajuda de pequenos e articulados grupos, mas esse só tomou força com a eleição do Presidente Donald Trump.

A hipótese proposta neste artigo, de que o mesmo hipernacionalismo ressurgiu atualmente nos Estados Unidos, se legitima. Porém, deve-se tomar cuidado, pois o hipernacionalismo americano ainda não pode ser comparado ao que surgiu nos países europeus no passado, junto com os regimes fascistas.

ABSTRACT

Discussing hyper-nationalism, we seek to clarify its meaning according to the author John J. Mearsheimer, addressing the cases of fascism and Nazism and pointing out the dangerous extreme nationalism present in both. This task is undertaken to facilitate the identification of hypernationalism and, in the face of the current US government, with controversial President Donald Trump, to examine whether virulent nationalism is present in its internal and external policies and in its so-called "alt-rights".

Keywords: Hyper-nationalism. USA. Trump. Alt-right.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ANDRIGHETTO, Aline; ADAMATTI, Bianka. **A lei como instrumento de poder do nazismo: Uma análise a partir da crítica de Franz Neumann**. 2016. Disponível em < <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/1632-3785-1-pb.pdf> > Acesso em 9 de fevereiro de 2018.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BERTONHA, João Fábio. **A questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista**. 2005. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292000000100005 > Acesso em 20 de março de 2018.

BRANDT, Cleri Aparecida. **Regime nazista: as teorias ideológicas e educacionais moldando a formação do indivíduo nazi**. 2011. Disponível em < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118393/brandt_ca_tcc_rcla.pdf?sequencia=1&isAllowed=y > Acesso em 18 de março de 2018.

COUTO, Sérgio Pereira. **Segredos do Nazismo**. São Paulo: Universo dos livros, 2008.

DIMITROVA, Anna. **The Risks of Trumpism**. 2017. Disponível em < http://www.cife.eu/Ressources/FCK/files/publications/policy%20paper/Policy%20Paper%20Dimitrova%20The%20Risks%20of%20Trumpism_49.pdf > Acesso em 29 de maio de 2018.

EVERA, Stephen Van. Hypotheses on Nationalism and War. **International Security**, 18(4), 5-39, 1994. Disponível em < <http://www.sneps.net/t/images/Articles/94-van%20evera%20nationalism%20and%20war.pdf> > Acesso em 11 de outubro de 2018.

GONÇALVES, Antonio Baptista. **A eugenia de Hitler e o racismo da ciência**. 2006. Disponível em < <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/31374-35254-1-PB.pdf> > Acesso em 12 de junho de 2018.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 145-159, 2008. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10325> > Acesso em 14 outubro de 2017.

HAASE, V. G.; PINHEIRO-CHAGAS, P.; ARANTES, E. A. A natureza e a criação da xenofobia: uma perspectiva da neurociência cognitiva social. **Gerai**s: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 2, 53-66, 2010. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/216753286_A_Natureza_e_a_Criacao_da_Xenofobia_Uma_Perspectiva_da_Neurociencia_Cognitiva_Social> Acesso em 22 de fevereiro de 2018.

HARTZELL, Stephanie L. Alt-White: Conceptualizing the "Alt-Right" as a Rhetorical Bridge between White Nationalism and Mainstream Public Discourse. **Journal of Contemporary Rhetoric**. 2018. Disponível em <http://contemporaryrhetoric.com/wp-content/uploads/2018/02/Hartzell8_1_2_2.pdf> Acesso em 1 de junho de 2018.

HOBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. 5ª ed. São Paulo: PAZ e Terra, 2008.

HOLLEY, P. KKK's official newspaper supports Donald Trump for president. **The Washington Post**, 2016. Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/11/01/the-kkks-officialnewspaper-has-endorsed-donald-trump-for-president/>> Acesso em 1 de junho de 2018.

JONES, Andrew. **The Alt-Right Revolution in the Early 21st Century**. 2017. Disponível em:< <https://geopoliticaconomy.org/wp-content/uploads/2017/09/Jones-Paper.pdf>>. Acesso em: 31 de maio de 2018.

KAGAN, Robert. This is how fascism comes to America. **The Washington Post**, May 18, 2016. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/opinions/this-is-how-fascism-comes-to-america/2016/05/17/c4e32c58-1c47-11e6-8c7b-6931e66333e7_story.html?utm_term=.728ccb025e55> Acesso em 30 de maio de 2018.

KASPI, André e Anne Toulouse. Le trumpisme reste une page blanche. **L'Express**. 2016. Disponível em <http://www.lexpress.fr/actualite/anne-toulouse-et-andre-kaspi-le-trumpisme-reste-une-page-blanche_1850455.html> Acesso em 30 de maio de 2018.

KAPLAN, Robert D. Why Trump Can't Disengage America From the World. **The New York Times**. 2016. Disponível em <https://www.nytimes.com/2017/01/06/opinion/sunday/why-trump-cant-disengage-america-from-the-world.html?_r=0> Acesso em 2 de junho de 2018.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KITCHEN, Martin. **O Terceiro Reich: carisma e comunidade**. São Paulo: Madras, 2009.

LANDLER, M. Transition team's request on gender equality rattles State Dept. **The New York Times**. 2016. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2016/12/22/us/politics/state-department-gender-equality-trump-transition.html> > Acesso em 2 de junho de 2018.

LEDEEN, M. **International Fascism**. New York: Howard Fertig, 1971.

LINZ, J. Some notes toward a comparative study of fascism in sociological historical perspective. In: LAQUER, W. (Ed.). **Fascism: A Reader's Guide**. Berkeley: University of California Press., 1976.

MALAMUD, William. As relações entre os Estados Unidos e a República Dominicana na Era Trump. **EUA E AMÉRICA LATINA: as relações na era Trump**, 2017. Disponível em < https://www.desarrollando-ideas.com/wp-content/uploads/sites/5/2017/07/170711_UNO_28_BR1.pdf > Acesso em 2 de junho de 2018.

MCNEILL, John. How fascist is Donald Trump? There's actually a formula for that. **The Washington Post**. Disponível em < https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2016/10/21/how-fascist-is-donald-trump-theres-actually-a-formula-for-that/?noredirect=on&utm_term=.17838059fe6e > Acesso em 11 de junho de 2018.

MEARSHEIMER, John J. Donald Trump Should Embrace a Realist Foreign Policy. **The National Interest**, 2016. Disponível em < <http://nationalinterest.org/feature/donald-trump-should-embrace-realist-foreign-policy-18502> > Acesso em 12 de outubro de 2017.

MEARSHEIMER, John J. Back to the Future: Instability in Europe after the Cold War. **International Security**, v. 15, n. 1, 1990a. Disponível em < <http://mearsheimer.uchicago.edu/all-pubs.html> > Acesso em 12 de outubro de 2017.

MEARSHEIMER, John J. Why we will soon miss the Cold War. **The Atlantic**, 1990b. Disponível em < <http://mearsheimer.uchicago.edu/all-pubs.html> > Acesso em 12 de outubro de 2017.

MEARSHEIMER, John J. **Kissing Cousins: Nationalism and Realism**. 2011. Disponível em < <http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/kissingcousins.pdf> > Acesso em: 12 de outubro de 2017.

MICHAELIS, M. I rapporti tra fascismo e nazismo prima dell'avvento di Hitler al potere. **Rivista Storica Italiana**, vol. LXXXV, n. 3, 1973. pp. 544-600. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000187&pid=S0034-7329200000010000500035&lng=en > Acesso em 5 de novembro de 2017.

NAVI, S. Trump supporters: Hyper-Nationalism. **Democracy Guardian**. 2017. Disponível em <<https://democracyguardian.com/trump-supporters-hyper-nationalism-785f97bac5a2>> Acesso em 11 de junho de 2018.

PECEQUILO, Cristina. As Eleições Primárias nos EUA: Rumo a Novembro. **Mundorama**, 2016. Disponível em < <http://www.mundorama.net/2016/03/04/as-eleicoes-primarias-por-cristina-soreanu-pecequilo/> > Acesso em 1 de Junho de 2018.

PEREIRA, Jefferson da Silva. **A British Union of fascists e o fascismo internacional através do periódico Blackshirt (1933-1939)**. 2017. Disponível em <<http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/4014.pdf>> Acesso em 03 de junho de 2018.

PHILLIP, Abby; HAUSLOHNER, Abigail. **Trump on the future of proposed Muslim ban, registry: 'You know my plans'**. 2016. Disponível em < https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/12/21/trump-on-the-future-of-proposed-muslim-ban-registry-you-know-my-plans/?utm_term=.76cf27c777c4 > Acesso em 4 de Junho de 2018.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RIGG, Bryan Mark. **Os soldados judeus de Hitler**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. **100 days in Trump's America**. 2017. Disponível em < <https://www.splcenter.org/20170427/100-days-trumps-america>> Acesso em 3 de junho de 2018.

TABACHNICK, David. Four Characteristics of Trumpism. **The Hill**. 2016. Disponível em < <http://thehill.com/blogs/congress-blog/presidential-campaign/264746-the-four-characteristics-of-trumpism> > Acesso em 29 de maio de 2018.

THOMPSON, Jack. **Understanding Trumpism: the New President's Foreign Policy**. 2017. Disponível em < <http://www.css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-security-studies/pdfs/Thompson-2017-Sirius-Trumpism-EN.pdf> > Acesso em 06 de junho de 2018.

THUDIUM, Guilherme; ALVES, João Paulo. **A ascensão de Donald Trump: perspectivas para a política externa e de segurança dos Estados Unidos.** 2017. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/nerint/wp-content/uploads/2017/03/POR-Thudium-Alves.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2018.

ZARZALEJOS, José Antônio. **A impossível política dos muros.** 2017. Disponível em <https://www.desarrollando-ideas.com/wp-content/uploads/sites/5/2017/07/170711_UNO_28_BR1.pdf> Acesso em 2 de junho de 2018.